

EVANGELIZAÇÃO E INCULTURAÇÃO

à luz da "Redemptóris Missão"

Pe. Severino Crimella PIME
Prof. de Teologia da Fé

“A mensagem evangélica precisa sempre ser transmitida no contexto de um diálogo de culturas que exige, de um lado, uma profunda fidelidade ao Evangelho e à autêntica tradição da Igreja e, por outro, um profundo conhecimento e, sobretudo, um profundo respeito pela cultura das pessoas ou grupos sociais com os quais se dialoga. Se não houver plena fidelidade ao Evangelho e à Tradição estaremos deturpando o tesouro de que somos portadores. Se não houver um profundo conhecimento da cultura que se evangeliza e respeito por ela, estaremos impondo, em nome do Evangelho, nossos próprios valores e nossa perspectiva cultural; estaremos falando numa linguagem e em códigos ininteligíveis, falando no vazio, falando para nós mesmos” (*Igreja: Comunhão e Missão*, 228).

Estas palavras muito claras, dos bispos do Brasil, desvelam um dos aspectos da evangelização mais urgentes e problemáticos. Poderíamos dizer que, hoje, a inculturação da fé cristã constitui o maior desafio para os evangelizadores. Uma fé que não se torna cultura, é uma fé não totalmente acolhida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida. A fé se faz cultura quando se torna atitude concreta, modo de agir, regra de vida, quando se traduz em comportamentos correspondentes aos valores fundamentais do Evangelho, em normas de juízo e de discernimento dos eventos que se subseguem na história, nas ideologias que acionam os homens de uma determinada época, em critérios de avaliação das prioridades e dos valores que norteiam as sociedades.

A ruptura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época

Já Paulo VI, com muita incisividade, na *Evangéli Nuntiánda* afirmava: “A ruptura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época” (ibid. 20).

A Igreja sempre considerou e considera fundamental o problema da inculturação da Mensagem evangélica. O problema coloca-se dentro das tensões misteriosas da Encarnação e é dentro deste mistério que o Papa João Paulo II trata da inculturação na sua carta-encíclica “Redemptóris Missão”, de 1990.

O que é inculturação

No capítulo V da encíclica, sob o título “Os caminhos da missão”, nos números 52-54, o Papa fala explicitamente da inculturação: “Significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas” (RM 52).

Poderíamos acrescentar que há inculturação quando a experiência cristã de uma Igreja particular se integra na cultura de um determinado povo, de modo que possa expressar-se, não apenas em cada elemento dessa cultura, mas tornar-se uma força que a vivifica, orienta e renova, a ponto de estabelecer um novo complexo cultural, uma nova unidade com outras culturas e um enriquecimento da Igreja universal.

A inculturação realiza-se sob o impulso do Espírito. Os discursos de Listra e de Atenas (At 14,11-17; 17,22-31) podem ser considerados modelo de inculturação: neles Paulo dialoga com os valores culturais e religiosos dos diferentes povos (RM 25).

A realidade incipiente do Reino pode encontrar-se também fora dos confins da Igreja, em toda a humanidade, na medida em que esta viva os valores evangélicos e se abra à ação do Espírito que sopra onde e como quer. De fato existe já nas pessoas e nos povos, pela ação do Espírito, uma ânsia, mesmo se inconsciente, de conhecer a verdade acerca de Deus, do homem, do caminho que conduz à libertação do pecado e da morte (RM 45).

Os princípios e as finalidades da inculturação

O Papa, tendo presente os contributos positivos provenientes do contato do cristianismo com as várias culturas, mas sem esquecer os perigos de alteração, dá algumas indicações fundamentais.

Dois princípios: a compatibilidade com o Evangelho e a comunhão com a Igreja universal

A inculturação, em seu correto desenvolvimento, deve ser guiada por dois princípios: a compatibilidade com o Evangelho e a comunhão com a Igreja universal.

Há compatibilidade com o Evangelho quando a Igreja, que evangeliza, encarna a Mensagem evangélica nas diversas culturas e, simultaneamente, introduz os povos, com as suas culturas, na sua própria comunidade, transmitindo-lhes seus próprios valores, delas assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro. Por sua vez, a Igreja torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a Missão.

Há comunhão com a Igreja universal quando as Igrejas particulares evitam toda forma de particularismo, exclusivismo, ou qualquer sentimento de auto-suficiência. As Igrejas locais, radicadas em seu povo e em sua cultura, devem manter concretamente o sentido universal da fé, isto é, dando e recebendo, das outras Igrejas, dons espirituais, experiências, de pessoal apostólico e meios materiais (RM 85; cf Rm 1, 11-12 e 15,27).

Desenvolvendo sua atividade evangelizadora entre os povos, a Igreja encontra várias culturas e fica envolvida no processo de inculturação. Assim ela conhece e exprime melhor o mistério de Cristo, é levada a uma contínua renovação, e se torna testemunho vivo da Palavra que anuncia. Somente assim os evangelizadores poderão levar aos povos, numa maneira crível e frutuosa, o conhecimento do mistério escondido (RM 53).

Graças à inculturação nas Igrejas locais, a própria Igreja universal enriquece-se com expressões e valores nos vários setores da vida cristã, como a evangelização, o culto, a teologia, a caridade (RM 52). Esta inculturação a nível de Igrejas locais será possível somente se elas prestarem atenção a elas mesmas e à Igreja universal.

Seus protagonistas

Quem deve realizar a inculturação? Já dissemos que é o Espírito Santo quem guia a missão e a inculturação. O primeiro Concílio de Jerusalém é um exemplo desta verdade. Paulo e Barnabé são impelidos pelo Espírito para a missão entre os pagãos

(cf At 13, 46-48), mesmo no meio de tensões e problemas. Como devem viver, os pagãos convertidos, sua fé em Jesus? Ficam eles vinculados à tradição do judaísmo e à lei da circuncisão? Os membros das diversas Igrejas reunidos em Jerusalém, à volta dos apóstolos, tomam a decisão considerada como emanada do Espírito Santo: não é necessário que o pagão se submeta à lei judaica para ser cristão (cf At 15, 5-11.28). A partir deste exemplo, a Igreja deve abrir suas portas e tornar-se a casa onde todos podem entrar e sentir-se à vontade, conservando as próprias tradições e cultura, compatíveis com o Evangelho (cf RM 24).

A Igreja propõe, não deve impor nada

O primeiro anúncio do Evangelho é feito pela Igreja no contexto da vida do homem e dos povos que o recebem, e deve ser feito numa linguagem concreta e ajustada às circunstâncias (RM 44), respeitando sempre as culturas: a Igreja propõe, não deve impor nada; respeita as pessoas e as culturas e detém-se diante do sacrário da consciência (RM 39).

a) O autor da **inculturação** deve ser todo o povo de Deus, não somente alguns especialistas, porque sabemos que o povo reflete sobre o sentido genuíno da fé, e sempre precisamos ter em vista essa reflexão.

A inculturação, enquanto expressão da vida comunitária, que amadurece no meio da comunidade e não é fruto exclusivo de pesquisas eruditas, deve ser dirigida e estimulada, mas nunca forçada, para não suscitar reações negativas entre os cristãos.

É um processo que exige prazos dilatados: não se trata de uma simples adaptação exterior, mas de uma caminhada lenta que acompanha toda a vida missionária; ela é um processo profundo e global, que abrange tanto a mensagem cristã como a reflexão e a praxe da Igreja; ela necessita de um processo gradativo, para que sua voz nativa seja mais límpida e sincera e se levante harmoniosa no coro das vozes da Igreja universal. A inculturação precisa da contribuição de vários colaboradores, das comunidades cristãs durante seu processo de desenvolvimento, dos pastores que têm a responsabilidade de discernir e de estimular sua realização (RM 52).

b) Os **grupos evangelizados** oferecerão os elementos para uma "tradução" da Mensagem evangélica. Estes grupos exprimirão, progressivamente, a própria experiência cristã, em modos e formas originais, em consonância com as próprias tradições culturais, embora sempre em sintonia com as exigências objetivas da fé. Por outro lado, os missionários que atuam nesses grupos terão o dever de conhecer as expressões mais significativas da cultura deles. Não se trata, por certo, de renegar a própria identidade cultural, mas de compreender, estimar, promover e evangelizar a cultura do ambiente em que trabalham e, deste modo, conseguir realmente comunicar-se com ele, assumindo um estilo de vida que seja sinal de testemunho evangélico e de solidariedade com o povo (RM 53).

Risco de se passar, acriticamente, de um alheamento da cultura para uma supervalorização da mesma

c) A **inculturação em seu processo correto** deve ser guiada, entre outras coisas, por um sadio discernimento, a respeito do qual os pastores vigiarão; com efeito as Conferências Episcopais, às quais se pede que tratem do problema da inculturação, têm

grande importância para a orientação e a coordenação da atividade evangelizadora, a nível nacional e regional (RM 76). De fato pode-se correr o risco de se passar, acriticamente, de um alheamento da cultura para uma supervalorização da mesma, que não deixa de ser um produto do homem e, como tal, está marcada pelo pecado. Também ela deve ser purificada, elevada e aperfeiçoada (RM 54).

Seus problemas

Alguns pretendem realizar a inculturação como se ela fosse fruto exclusivo de pesquisas eruditas (RM 54). Outros identificam-se com os valores atuais a ponto de não quererem transcendê-los, e de recusarem falar claramente de Jesus Cristo, chegando a posições que o Papa chama de "reino-cêntricas", onde se dá ênfase somente à Igreja "para os outros", que não pensa em si, mas que promove, de um lado, os assim chamados valores do Reino, como a paz, a justiça, a fraternidade, a libertação etc e, do outro, favorece o diálogo entre as culturas.

Outra posição é a do "teocentrismo", pois alguns dizem que Cristo não pode ser entendido por quem não tem a fé cristã, enquanto povos, culturas, religiões diferentes podem se encontrar na única realidade divina (RM 17). Não queremos negar esses problemas, mas precisamos levar em consideração um dado que ajuda para um sadio equilíbrio: a saber que, do ponto de vista cultural, o mundo está unificando-se cada vez mais, e o espírito evangélico deve levar à superação das barreiras culturais e nacionalísticas, evitando todo fechamento (RM 39). Além do mais, no mundo moderno torna-se cada vez mais difícil traçar linhas de demarcação geográfica ou culturais: há uma interdependência entre os povos que tende a aumentar, e o fato estimula o testemunho cristão e a evangelização (RM 82).

A inculturação e a situação atual

Todas as culturas hoje procuram a dimensão espiritual como antídoto à desumanização, e não somente as culturas densas de religiosidade, mas também as sociedades secularizadas.

Este fenômeno, denominado "ressurgimento religioso", não está isento de ambiguidade, mas traz com ele também um convite a reagir contra a assim chamada "nova cultura" que está invadindo a nossa sociedade e termina por criar situações inaceitáveis. Esta "nova cultura", mesmo reconhecendo-lhe aspirações e valores positivos, contém demasiados elementos negativos. O desemprego está se tornando uma chaga mundial; a produção industrial estagna-se enquanto a inflação galopa; as sociedades ricas descobrem em seu seio a pobreza; o egoísmo social reaparece; o racismo aumenta; o perigo nuclear torna-se uma angústia coletiva; a inquietação provoca o movimento ecológico; a bússola das ciências enlouquece; a pornografia é apregoada pela televisão; o homossexualismo, o divórcio, o aborto, a eutanásia, a coabitação juvenil, até o incesto, são defendidos como direitos sociais; a chaga da droga alastra-se por cada canto; o terrorismo preocupa sempre mais (POUPARD: Igreja e culturas).

A "nova cultura" precisa urgentemente de "nova evangelização" que saiba preservar e estimular o que há de bom e, ao mesmo tempo, purificar o que há de mal, lembrando que a força do Evangelho deve chegar a modificar "os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação" (EN 19).

Não podemos esquecer que o cristianismo não é somente acomodação, assimilação e transformação, mas também "referência". É o escândalo da Cruz!

Existem hoje forças a nível mundial que adulteram a verdadeira cultura: tecnologia, meios de comunicação social, militarização global, desfrute da natureza.

O choque dessas forças com o Evangelho requer uma oposição clara e decisiva, dado que elas levam mais à morte que à vida. A "resistência", na fidelidade ao Evangelho, faz parte da evangelização.

É preciso que a comunidade eclesial sinta o dever e a coragem de propalar uma cultura que saiba conjugar as exigências peremptórias do Evangelho com as necessidades da sociedade em que vive; uma cultura da fraternidade, da partilha, da solidariedade, da transcendência, do serviço, da gratuidade.

Encontramo-nos novamente na mesma situação que os cristãos afrontaram durante a decadência do mundo antigo

Nós, cristãos desta época, encontramo-nos novamente na mesma situação que os cristãos afrontaram durante a decadência do mundo antigo. Tudo depende da nossa capacidade de comunicarmos nossa esperança a um mundo em que o homem se encontra isolado e desesperado frente às forças monstruosas que

ele próprio criou para realizar seus projetos, mas que agora, furtadas ao seu controle, ameaçam destruí-lo.

A tarefa, que está aberta sobretudo aos leigos, é imensa: abrange todos os setores da vida e todos os ambientes da sociedade. Ela refere-se à cultura do mundo no sentido mais amplo do termo, isto é, à cultura que designa o modo de viver de uma sociedade, que exprime a alma de um povo, que manifesta os valores comuns de um grupo social e revela a mentalidade típica de uma época. Nós podemos perceber que a cultura, entendida neste sentido antropológico, é uma realidade em construção e em contínua evolução: exige portanto um esforço contínuo, para que possa ser humanizada e evangelizada.

Endereço do autor:
Seminário Teológico do PIME
cx postal 5054
88040-970 FLORIANÓPOLIS SC

Nota do Redator:

Confira, sobre o tema deste artigo, o estudo intitulado "Evangelização e Inculturação hoje", de Reginaldo D. Alves e Luís A. SOCHIARELLI, no número anterior deste revista (ENCONTROS TEOLÓGICOS n. 12, 1992/1, pp. 15-16)

A FORMAÇÃO SACERDOTAL EM SANTA CATARINA

2ª PARTE: OS SEMINÁRIOS MAIORES

Pe. José Arturino Besen
Prof. de História da Igreja

Nota prévia: A 1ª parte deste estudo, focalizando "Os Seminários Menores Diocesanos", saiu no nº 10 desta revista (ENCONTROS TEOLÓGICOS n. 10, 1991/1), p. 29-33

1. As primeiras experiências

Aos tempos da Colônia e do Império, em virtude do Padroado, a formação sacerdotal competia ao Estado. Os primeiros sacerdotes aqui vindos, receberam a formação sacerdotal em Portugal mesmo, outros no Açores, pois vários sacerdotes acompanharam os "casais açorianos" nas imigrações do séc. XVIII. Era um clero de qualidade diversa: houve daqueles (estamos falando dos seculares) que receberam ótima formação em Coimbra, dotados de índole apostólica, houve daqueles que "entraram em Ordens" apenas para escaparem dos Tribunais Cíveis. Outras vezes, a formação se reduzia a lições de Casuística e ao aprendizado de "dizer Missa e confessar". Nestes casos, algumas semanas ou meses eram mais que suficientes.

Padres aqui vieram por espírito apostólico, padres aqui vieram com o mesmo interesse dos colonizadores: ganhar dinheiro, fazer fortuna. Não nasceram da imaginação as queixas dos jesuítas contra alguns padres seculares que "por sua devassidão e cobiça" atrapalhavam o esforço evangelizador.

Os seminários propriamente ditos começaram após o 1º Sínodo brasileiro, ocorrido em São Salvador da Bahia em 1707. Fruto deste Sínodo foram a "Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia", adotadas depois pelas poucas Dioceses brasileiras até inícios da República. Foi a primeira experiência de legislação pastoral e canônica livre da tutela de Lisboa.

As "Constituições Primeiras", seguindo as recomendações do Concílio de Trento, estimularam a criação de seminários, que se multiplicaram graças à obra do Pe. Malagrida SJ. Praticamente todos estavam ao encargo da Companhia.

O Marquês de Pombal fechou e deixou sem professores todos os seminários

Por isso mesmo, foi trágica a expulsão dos Filhos de Santo Inácio, em 1759. De um clero numerosamente significativo — eram 2790 sacerdotes para 2.700.000 habitantes, à razão de 1 sacerdote por mil habitantes — 1590 religiosos foram mandados de volta para a Europa! Com seu gesto, o Marquês de Pombal fechou e deixou sem professores todos os seminários.

O que fazer? Limitou-se ao mínimo a formação do Clero. Na Arquidiocese da Bahia eram algumas semanas ou meses de lições de Casuística, dadas por um professor leigo, pago pelo Estado. Pode-se imaginar o nível cultural, moral e religioso de tais sacerdotes!

As grandes distâncias, o pouco contato com o Bispo, a falta de um planejamento pastoral, faziam com que o sacerdote levasse uma vida isolada, cada vez mais pobre espiritualmente,